PÓLEMOS

A NOÇÃO DE *WITZ* EM FREUD-
investigações acerca do mecanismo pulsional do riso

Manuella Mucury[1]

Resumo

Este artigo pretende realizar um breve panorama acerca da problemática do riso na história do pensamento, demarcando suas principais ocorrências, assim como a sua inevitável tensão com a noção de razão tão cara à tradição filosófica. Esta visão geral se faz necessária para que se alcance a proposta freudiana de tratamento do fenômeno do riso, o qual o caracteriza em contraposição à "ordem do sério" ou como o *nonsense*, ou seja, algo que aponta para um estado além da consciência que existe a despeito do sentido. Por este viés de entendimento do fenômeno, nos propomos a analisar conceitualmente os elementos do *witz*, cômico e humor dentro da obra freudiana "Os chistes e sua relação com o inconsciente", em vistas de prover elementos teóricos que ensejem alguns esclarecimentos sobre o riso e seus mecanismos de produção, de modo a permitir, ao fim da análise, a promoção de futuros questionamentos acerca das propostas do autor em questão.

Palavras-chave: chiste, Freud, riso

Abstract

This article proposes a brief panorama around the series of problems concerning the laughter in the history of thinking. Pointing it's most commom and main incidents as well the inevitable tension caused by the notion of what is reasonable by the philosofical tradition. This overview is necessary in order to understand what Freud proposes for the phenomenom of laughing. Taking point on a theory that is led by the concept of a state beyond consciousness that exists despite reason. So for this oblique understanding of the phenomenom, we propose to analyze the elements of "witz", comic and humor inside Freud's work "The Joke and it's Relation to the Unconscious" in order to provide theorical elements that will encourage and rise the expectation to clarify the laugh and how it works. Increasing by the end of the analysis future questions and debates around what the author proposes.

Keywords: joke, Freud, laughter

[1] Graduanda em Filosofia na Universidade de Brasília - UnB

De certo há um inevitável espanto e – por que não dizer? – uma contradição entre a análise conceitual e seu objeto aqui propostos. Ao nos defrontarmos com um trabalho como este, que tenta versar acerca da problemática do riso de maneira, por assim dizer, um tanto séria – ou filosófica, se preferirem – de fato nos sentimos embaraçados no tocante às tentativas de aproximação do riso por esse denso viés, pois é certo que o efeito prazeroso do objeto em si se dissipa sob a inevitável seriedade que a análise demanda. Podemos, no entanto, aproveitar para retirar desse efeito ambíguo algumas explicações. A mais premente delas é a que concerne ao lugar relegado a esse fenômeno ao longo da história do pensamento, ou seja, ao abandono do riso à posição de antítese da razão.

O caráter enigmático e de ininteligibilidade do riso, sua estreita relação de conflito com o corpo – que, na tradição metafísico-teológica, marca o lugar de tudo aquilo que seria desprezível na condição do homem –, encontram-se já na Antiguidade. A primeira grande crítica ao riso e ao cômico encarna-se na figura de Platão e consiste em denegrir o estatuto da comédia e da arte poética em geral. O filósofo concede à poesia um lugar de mera representação da aparência das coisas, incapaz de aceder ao verdadeiro conhecimento delas. Transpondo a concepção platônica para o riso e o risível, os entenderíamos como prazeres falsos a serem, como diz Alberti, "experimentados pela multidão medíocre de homens privados de razão" (ALBERTI, *O Riso e o Risível na história do pensamento*, p. 44).

Um segundo caso, historicamente, seria a compreensão aristotélica, responsável por elevar a poesia e, mais precisamente, a criação da comédia, a uma ordem filosófica. Apesar de Aristóteles caracterizar a comédia como a representação das ações humanas mais baixas, ele não confere, *a priori*, uma valoração negativa para o cômico. Este, longe de ser um tema abjeto para o filósofo, seria louvável justamente por se mostrar apto a revelar o caráter universal da poesia, comprovando a dignidade filosófica subjacente a mesma (ALBERTI, op. Cit., p. 47).

Chega-se à problemática do riso na Idade Média a partir de duas asserções principais, segundo destaca Jacques Le Goff. A primeira delas é a difundida tese de Aristóteles, que concebe o riso como sendo "o próprio do homem". Essa tese reverberaria em diversos textos da tradição teológica medieval. Por outro lado, seria formulada a "indagação sobre se Jesus alguma vez havia rido em sua vida terrestre", cuja resposta negativa atribuiria ao riso a qualidade de um ato pecaminoso, condenável sob a perspectiva do Cristianismo. Essa dupla acepção do riso aponta conjuntamente para uma distinção do homem em relação aos animais e a Deus: por um lado a superioridade humana em relação aos primeiros e, por outro, sua inferioridade em relação ao segundo, apesar de terem em comum a faculdade racional. Deus, ser absoluto, jamais ri.

Até o século XVII, o riso é, assim, encarado predominantemente como o "signo de uma alegria inferior" ou, ainda, como atividade que produziria o afastamento temporário da faculdade racional do homem, pois, mesmo quando estava vinculado ao pensamento, teria como finalidade apenas apontar a falsidade referente a ele.

Nos séculos XVIII e XIX, essa configuração se altera. O modo de pensar o riso entra agora, ao menos até certo ponto, no domínio do entendimento, não mais como sua antítese, nem como seu objeto de investigação, mas antes como instrumento de seu alargamento (ALBERTI, op. cit., p.159).

Uma considerável modificação na compreensão do riso diz respeito à abordagem filosófica de Kant, a qual possibilita "um deslocamento da incongruência do risível da esfera das coisas para a esfera determinada pelo sujeito do entendimento" (ALBERTI, op. cit., p.161). Assim, o objeto em si não possui nada que nos permita designá-lo enquanto cômico; somente uma interpretação do sujeito é capaz de produzir tal efeito.

Em Jean Paul Richter, Schopenhauer e Kant, a forma de pensar o riso tem bastante proximidade com a de alguns textos do século XX, seja porque marca os limites do pensamento, seja porque a incongruência do riso pode nos levar a uma realidade "mais real" que a da congruência séria. O mais importante com relação a essas teorias, contudo, é o fato de, nelas, o pensamento sobre o riso estar diretamente relacionado ao pensamento sobre o pensamento (ALBERTI, op. cit., p. 161).

Se outrora pensar esta problemática era, em certa medida, uma exceção dentre os interesses da filosofia, a partir dessa nova concepção, decerto a investigação acerca do fenômeno ganha outro estatuto. O mundo racional não seria mais capaz de pensar o infinito da existência que foi rechaçado pela *ratio* como marginal e ridículo (ALBERTI, op. cit., p. 54). Rir, ao que parece, desvelaria os âmbitos não normativos da existência, aquilo que possuiria um caráter desviante ou mesmo inefável do ser.

Em uma leitura mais contemporânea, temos ainda o fenômeno do riso atrelado a um "não-lugar" do pensamento, necessário para que este ultrapasse seus próprios limites (ALBERTI, op. cit., p. 23). Uma das novas tendências do riso o caracteriza em contraposição à "ordem do sério" ou como o *nonsense*, ou seja, algo que aponta para um estado além da consciência que existe a despeito do sentido. A teoria freudiana é representante desse pensamento, colocando em paralelo o riso e o risível, o inconsciente e o pré-consciente, "indispensáveis para se apreender a totalidade psíquica" (ALBERTI, op. cit., p. 23).

Esta pesquisa consiste justamente em investigar nos pensamentos de Freud quais seriam suas contribuições inovadoras a respeito da temática examinada. Para tanto, é imprescindível a leitura minuciosa do texto "Os chistes e sua relação com o inconsciente", em que ele vai tratar de três fenômenos, os quais considera distintos no tocante a sua natureza, são eles: os chistes, o cômico e o humor.

Uma primeira questão levantada no texto diz respeito ao desinteresse filosófico em relação ao fenômeno dos chistes, que não teria recebido a devida atenção apesar do poderoso papel que desempenha em nossa vida mental (FREUD, *Os chistes e Sua Relação com o Inconsciente*, p. 21). Somos convidados, a partir daí, a destrinchar as diversas técnicas empregadas na confecção dos chistes, assim como obter, através da exaustiva análise dos exemplos desses ditos espirituosos, aquilo que seria o seu aspecto essencial. Freud nos fornece, ainda, um mapeamento de diversas definições ligadas pelos discursos científico-filosóficos de sua época sobre o chiste e busca combiná-las em "um todo orgânico". Ora, seria essa tentativa do autor, de alinhavar esses diferentes aspectos teóricos fazendo operar

entre eles uma espécie de síntese, uma tarefa filosófica por excelência? Trata-se de uma questão ainda sem resposta.

No seguimento argumentativo, encontramos alguns elementos peculiares à dinâmica chistosa, entre os quais merece destaque o *nonsense* e seu caráter de brevidade, ou seja, sua economia referente ao uso das palavras empregadas a fim de que se forme o dito espirituoso. Esse fator econômico passa a representar teoricamente o caráter mais universal dos chistes, uma vez que essa tendência se encontraria subjacente a todas as demais técnicas empregadas no processo elaborativo, em que se procura, a partir de processamentos inconscientes, apresentar determinado conteúdo da forma mais condensada possível. Um exemplo é o chiste de Heine, em que um de seus personagens, um simples agente de loteria, gabando-se após ter mantido relações com o rico barão da cidade, diz ter sido tratado por este "bastante familionariamente." Palavra esta inexistente no léxico, porém que marca a condensação entre dois termos distintos "familiar" e milionariamente", os quais, após a junção em uma única estrutura verbal, passam a ser o fator causador do riso.

Em busca do cerne dos chistes, encontramos, portanto, a sua verbalização. Sua forma discursiva não concerne à significação que determinado dito possui, mas a um prazer anterior a isso. Trata-se de um aspecto formal, referente a uma articulação própria que as palavras podem ter ao serem empregadas. Nesse sentido, o fenômeno chistoso é capaz de colocar em relevo o suporte material do signo, uma vez que, analogamente ao que ocorre com as crianças, a subversão da linguagem e a primazia dada ao significante em detrimento do significado é necessária e, sobretudo, capaz de destacar o terreno primitivo pelo qual o pensamento se aventura. Trata-se de algo que remonta a um tempo anterior a sua submissão ao processo civilizatório e, portanto à imposição cultural do pensamento sério e do advento da racionalidade. Desse modo, observa-se que o prazer que se obtém através do processo de fabricação dos chistes se dá através da regressão ao modo infantil de tratar as palavras, "dominado pelo prazer do ritmo e da rima" e pela experimentação lúdica – atividade que Freud definirá como "jogo" e que será o primeiro estágio para a formação de um pensamento de forma chistosa, sendo seguido pelo gracejo e, finalmente, pelo chiste propriamente dito.

No jogo, característico do período em que as crianças estão aprendendo o uso da língua, o efeito de prazer obtido através das combinações de palavras não se relaciona com a

articulação de sentidos, pois o que importa é o deleite que se pode extrair delas. Segundo Freud, entretanto, infelizmente é impossível manter esta fonte de prazer por um período muito extenso. Afastamos-nos deste modo de operação da vida anímica infantil à medida que insurge "um fator que merece ser descrito como faculdade crítica ou racionalidade" (FREUD, op. cit., p.151). A partir da reconfiguração psíquica, toda expressão relativa aos jogos adquire um caráter de absurdo, pois não consegue superar, por assim dizer, o crivo desta faculdade. Porém, tendo em vista que nenhum meio que outrora serviu de satisfação ao sujeito é facilmente abandonado por este, segue-se na tentativa de reprodução do prazer que lhe foi permitido desfrutar tão intensamente nos jogos.

É aí que se dá o segundo estágio de desenvolvimento preliminar dos chistes: o gracejo. Aqui, busca-se uma fachada de racionalidade para as combinações lúdicas de palavras, a partir do estabelecimento de um sentido para elas. As técnicas do chiste cumprem o papel de esquivar a atividade das críticas, fazendo com que passe despercebida. Depois dessa fase do gracejo, em sua etapa conclusiva, o conteúdo dos pensamentos passa por uma transformação em algo substancial e se eleva, dessa maneira, finalmente à categoria de chiste.

Uma vez que o chiste preenche todas as etapas elencadas, ele se torna capaz de liberar afetos e pensamentos, que seriam barrados pela instância moral (ou inibidora) do aparelho psíquico se sistematizados de forma diversa. Quando se consegue enganar a crítica através do invólucro chistoso, com uma fachada racional, o sujeito tem sucesso em descarregar afetos que, se não fossem executados por essa via, teriam a capacidade de colocar em risco o vínculo social, além de possivelmente causar desprazer em quem os exprimiu. Assim, se o ciclo ora explicitado se cumpre, seu resultado é a formação dos "chistes tendenciosos" ou as piadas propriamente ditas, que, além de gozarem de um prazer referente ao aspecto formal, conseguem satisfazer, por meio de seu conteúdo subjacente, um propósito referente ao que é recalcado. Podemos encontrar, assim, como propõe Kupermann: os chistes tendenciosos, que promovem a satisfação dos impulsos sexuais; os de propósitos agressivos; e ainda os de propósitos cínicos e céticos, que tendem a promover o descrédito às instituições sociais e às verdades estabelecidas (KUPERMANN, *Ousar Rir,* p. 43).

Além de traçar um trajeto genético da formação chistosa e evidenciar o fenômeno como sendo "a mais social de todas as funções mentais que objetivam a produção de prazer" (FREUD, op. cit., p.204) Ademais, Freud irá comparar os mecanismos de fabricação dos chistes com aqueles referentes à elaboração onírica. Para estabelecer esta analogia, os dois principais elementos da técnica onírica, o deslocamento e a condensação, são postos em destaque e trazidos ao cenário psíquico dos chistes, configurando um campo de diálogo entre a teoria dos sonhos e a psicologia dos ditos espirituosos. Esta comparação é compreendida pelo autor como um elemento epistemológico distinto, que até o momento, ninguém mais havia feito uso, e que nesse sentido seria um dos consideráveis motivos pelos quais a psicanálise teria vantagem no conhecimento acerca do fenômeno interrogado. (FREUD, op. cit., 208)

Se antes o prazer referente aos chistes tinha sua origem na noção de uma economia da despesa psíquica com a inibição, possível por meio do trabalho de transformação linguística através do emprego dos mecanismos técnicos, o prazer do cômico procede, do mesmo modo, de uma economia, no entanto, pertinente a uma despesa psíquica no que concerne à representação. Isto é, parte essencial da gênese do cômico é proveniente da comparação entre os processos mentais de alguém, ou de uma ação. Tal comparação é possível em razão da empatia que se tem pela pessoa que serve como referência, o que retira o efeito prazeroso, portanto, da comparação obtida entre duas despesas catéxicas, provocando o riso (FREUD, op. cit., p. 222).

É nessa tensão comparativa que se descortinam os objetos do cômico. O primeiro se observa quando a outra pessoa efetua uma poupança de despesa psíquica que o eu reputaria como indispensável para si, uma vez que o *nonsense* e a estupidez, elementos peculiares a essa dinâmica, denotam uma deficiência dessa função intelectual, que vem causar o riso em razão da excessiva complicação. Já no segundo objeto, relativo à ação, o riso surge da facilitação em excesso, quando dessa comparação verificamos um gasto de energia exacerbada oriundo das funções corporais de outrem (FREUD, op. cit., p. 222). Por outro lado, quando essa relação se inverte no processo equiparativo e encontramos na outra pessoa gasto maior em termos intelectuais e menor em movimentação, somos possuídos pelo sentimento de admiração e espanto.

Uma última parte do texto de Freud se ocupa da problemática do humor, que possui parentesco com os chistes e o cômico, uma vez que todos eles se constituem enquanto "métodos de recuperação do prazer que se perdeu com o desenvolvimento da crítica" e com a concomitante submissão "da atividade psíquica aos processos secundários regulados pelo principio de realidade". Por tal motivo é que Freud o considera como uma das mais altas manifestações psíquicas, pois consiste em "um meio de obter prazer, apesar dos afetos dolorosos" (FREUD, op. cit., p. 257), atuando enquanto um substitutivo para a geração desses afetos, ao ser capaz de suprimi-los em seu estado de formação e, ao mesmo tempo, colocando-se no lugar desse processo negativo interrompido. Assim, o humor trata de uma possibilidade que o sujeito encontra de derivar prazer das situações em que, em regra, seria posto como vítima em relação à determinada ofensa, dor, ou qualquer outro sentimento desagradável. Ocorre uma inversão da situação psíquica, de modo que há uma subversão da situação de desamparo em direção a uma circunstância completamente distinta, na qual o sujeito goza de um improvável, porém, efetivo sentimento de poder diante de seu destino ou do acaso. Nesse sentido é que se diz que o "humor não é resignado, mas rebelde", pois se trata, como escreve Kupermann, de uma "afirmação, pelo sujeito de sua "dimensão erótica e desejante, mesmo frente às adversidades" (KUPERMANN, op. cit., p.57)

Ao analisarmos o tratamento dos elementos chiste, cômico e humor dentro da perspectiva de Freud surgem ainda apontamentos que precisam ser desmistificados, como, por exemplo, qual seria a relação estabelecida entre esses objetos, que nos parece um tanto enigmática, e qual o estatuto de diferenciação e identidade em relação às outras noções envolvidas nesse estudo. Por qual motivo o chiste é tão privilegiado nessa investigação? Qual a relação estabelecida entre ele e o elemento do prazer, tão caro à teoria freudiana? Seria possível, a partir da análise de Freud, descortinar alguma filosofia do riso? Como apontado inicialmente, objetivamos uma análise pormenorizada que envolve uma metodologia ampla e aplicada com a finalidade de expor a verdadeira relação entre o riso e a filosofia e que, é claro, no futuro será objeto de um estudo muito mais detalhado que esta sucinta explanação.

Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. *O Riso e o Risível na história do pensamento*. Editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1999.

FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Editora Imago, Rio de Janeiro, 1969.

KUPERMANN, Daniel. *Ousar Rir*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2003.